

SIMPÓSIO AT103

ENTRE O LOCAL E O NACIONAL: PROCESSOS DE (DES)IDENTIFICAÇÃO NA NARRATIVA URBANA DO CACERENSE

BINDANDI, Welliton Martins
PPGL/UNEMAT
welliton.m.bindandi@gmail.com

MALUF-SOUZA, Olimpia
PPGL/UNEMAT
olimpiamaluf@gmail.com

Resumo: Nesta pesquisa procuramos compreender os sentidos atribuídos à cidade de Cáceres-MT e seus moradores, a partir de um dito pichado em um muro da cidade. O enunciado pichado no muro determina um modo de significação e constituição do sujeito nesse local, assim, marca o morador, o cacerense, pelo seu processo de identificação. Nosso trabalho ancora-se teoricamente aos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de Michel Pêcheux (1995), que apresenta-nos um dispositivo de leitura e interpretação. Para essa teoria o sujeito constitui-se pela história e pela memória, assim, instala-se por posições cambiantes, marcada pela não fixidez. A análise do material nos permitiu compreender, pelos processos de identificação e desidentificação do sujeito cacerense, como o sujeito se significa e, desse modo, determina os modos de ser e estar na cidade. O discurso urbano, enquanto um lugar que faz ouvir muitas vozes, determina um modo específico de significar em território nacional, pelo que se desidentifica em relação às discursividades da identidade brasileira.

Palavras-chave: Discurso; Cidade; Memória; Identidade.

Abstract: In this research, we try to understand the meanings attributed to the city of Cáceres-MT and its inhabitants, from a saying stamped on a wall of the city. The statement spelled out in the wall determines a way of meaning and constitution of the subject in that place, thus, it marks the resident, the cacerense, by its process of identification. Our work is anchored theoretically to the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis by Michel Pêcheux (1995), which presents a reading and interpretation device. For this theory the subject is constituted by history and memory, thus, it is installed by positions that are changing and that mark it by non-fixity. The analysis of the material allowed us to understand, through the processes of identification and disidentification of the cacerense subject, how the subject means and thus determines the ways of being and being in the city. The urban discourse, as a place that makes many voices heard, determines a specific way of meaning in national territory, by the disidentification in relation to the discursivities of the Brazilian identity.

Keywords: Discourse; City; Memory; Identity.

Introdução

Este trabalho busca compreender os sentidos atribuídos à cidade de Cáceres-MT e seus moradores, a partir de um dito pichado em um muro da cidade. Diante desse lugar de memória, materializado nos ditos do morador, não há possibilidade de ignorar os sentidos outros que constituem o sujeito pelo que se identifica, desidentifica e resiste nesse espaço discursivo.

O material analisado significa-se pelo batimento entre a paráfrase e a polissemia. Nesse batimento perifrástico, o enunciado pichado no muro determina um modo de significação e constituição do sujeito nesse local, assim, marca o morador, o cacerense, pelo que se desidentifica com o nacional, o Brasil, determinado uma forma específica de ser brasileiro nesse espaço.

A leitura analítica deu-se pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, que nos apresenta um dispositivo de interpretação. O sujeito, para essa teoria, constitui-se pela história e pela memória, assim, instala-se por posições que são cambiantes, marcada pela não fixidez.

1. A cidade de Cáceres-MT e seu modo de significar o sujeito

A cidade é um lugar de vivência, de encontro e desencontro, de arquiteturas que fundam e solidificam uma dada formação histórica e ideológica, materializadas em seus modos de construção e de edificação. Portanto, colocar em análise a cidade, ler suas construções, vias e ruas, é olhar para seu modo de (des)territorialização, de expansão, é pensar o social e sua (des)organização.

É no terreno incerto, opaco e minado que vamos pisar para fazer escuta e compreender o processo de constituição da cidade de Cáceres-MT. Dizer sobre a cidade é dizer sobre seus habitantes, pois, no que diz respeito ao “[...] território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando

o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro” (ORLANDI, 2004 p. 11). Portanto, ler discursivamente a cidade é ler como o sujeito, nesse território, se significa e é significado.

A identidade do sujeito, para Análise de Discurso, não é fixa, não é estática, ao contrário, produz-se pela movência, pela instabilidade do sentido. Daí a opção em tomá-la como processos de identificação, que assegura – pela palavra processo – uma construção que se dá permanentemente, e pela marcação do plural, os vários modos de identificação do sujeito. Nessa direção, tomar o espaço como lugar de memória, constituição e significação do sujeito, marcado pelos processos de (des)identificação, determinam formas de ser constituir sujeito nesse lugar/espaço.

Todo processo de significação se dá na relação do dito com a memória, com a história, com o interdiscurso; é nessa relação que o sujeito (re)significa, e se (re)significa. Nora (1993) marca o lugar da memória enquanto um lugar que não se confunde com a história:

Memória, história: longe de ser sinônimos, tomamos consciência de que as opõe. A memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações vulneráveis a todas as utilizações e manipulações, suscetíveis de longas latências e súbitas revitalizações. A história é a reconstrução problemática e incompleta do que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno; a história, uma representação do passado. Por ser efetiva e mágica, a memória só se contenta com detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças opacas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, censuras, telas ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, chama análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a desaloja, ela sempre torna prosaico. (NORA, 1993, p. 9)

Pensar a memória enquanto um fato psicanalítico, associamos, com Freud (2010), a memória com o *trabalho do luto*, ou seja, com o sentido de perda, pois, para o autor, a memória se relaciona com algo que foi subtraído,

que foi esquecido, e, é esse mecanismo que compõe a memória na Psicanálise, pois, esquecemos para evitar a aflição, a perturbação, o sofrimento.

Ricceur (1990), inspirado na Psicanálise, opõe-se à abordagem do trabalho da memória, que o autor considera como uma

[...] analogia passível no plano da memória coletiva. As memórias individual e coletiva têm de manter uma coerência na duração em torno de uma identidade que se inscreve no tempo da ação. Nesse sentido, é a essa identidade do *Ipse*¹, diferente da *Mesmice*, que se refere essa travessia experiencial da memória em torno do tema da promessa. (RICCEUR, 1990, *apud* DOSSE, 2003, p. 288)

Fedatto (2013), para dizer dos processos de identificação que conformam uma memória discursiva para o sujeito, considera necessário que se discuta antes os modos de inscrição e de institucionalização cotidiana do saber no discurso sobre a cidade:

[...] a história do saber [sobre a cidade] não é desvinculada do espaço onde sua produção se efetiva nem das condições sócio-históricas que tornam possível (e muitas vezes imperiosa) a demanda por um determinado tipo de saber. [...] [visando compreender] a espacialização de saberes na cidade e sua interferência nos processos de identificação do sujeito urbano-nacional. [...] [pois as] relações de determinação são equívocas, visto que toda *dominação* instala, no momento mesmo em que se constitui, a possibilidade de *resistência*. (FEDATTO, 2013, p. 22-23)

A autora, ao trabalhar a constituição do saber sobre a cidade, dá destaque para a relação mútua entre a língua e o espaço, localizando o papel do cotidiano e a institucionalização da construção de nacionalidade. Assim, para a autora, “[...] há um gesto oficial que não deixa de significar os saberes

¹ *Ipseidade*. Do latim *ipse*, si mesmo. Na filosofia escolástica, designa o fato de um indivíduo ser ele mesmo, dotado de uma identidade própria e, por conseguinte, diferente de todos os outros indivíduos. Na filosofia heideggeriana, designa o ser próprio do homem como existência (Dasein) responsável. (Dicionário Enciclopédico – Sérgio Biagi Gregório).

instituídos nesses detalhes prosaicos dos trajetos urbanos e sempre há um traço de trivialidade naturalizando os dizeres institucionais” (op. cit, p. 25).

A autora toma a cidade enquanto um arquivo que memoriza todo um processo de constituição e institucionalização do saber que se constitui sobre ela: “[...] a cidade inscreve no hoje um acúmulo, manifesto e velado, de outros cotidianos como alteridades que vacilam pela tensão dos sentidos que se inscreverão(am) na história” (FEDATTO, 2013, p. 36), é nesse embate e nesse jogo que a sociedade e o sujeito significam.

A pesquisadora chama a atenção para o paralelismo entre o *imaginário de localização* e a *língua nacional*, enquanto uma compreensão que a levou a afirmar que “[...] todo originário da nação, antes mesmo de haver estado, só é possível pela construção de *saberes urbano* que se centralizam como um *saber nacional* marcado amiúde em detalhes, ruínas e grandezas” (op. cit, p. 87-88).

Desse modo, os pontos de referência do processo de identidade permitiram à autora a compreensão sobre as representações e a produção de um *nós nacional*, no qual o monumento é compreendido como patrimônio, herança de um povo, portanto, há no monumento sentidos de unicidade, visto que representa o povo, instaurando-se, no imaginário nacional, como ponto de referência, como evidência do *nós*. Assim, para a autora, dizer do monumento da cidade é dizer de um patrimônio, de um arquivo, sendo “[...] um *bem* cuja enunciação de propriedade constrói um *nós fundador da nação*” (*idem*, p. 96-97).

As compreensões de Fedatto (2013) nos permitiram compreender o que se institui na cidade de Cáceres. Assim, pelo funcionamento, com base em nossas análises, queremos colocar em escuta um dito pichado em um muro da cidade, na Rua Dom Aquino:

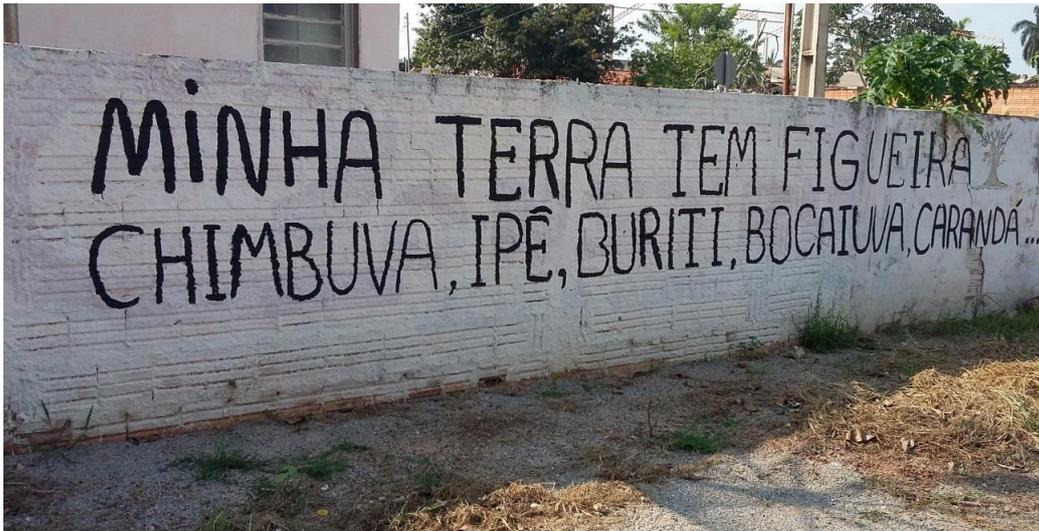


Figura 1- Acervo pessoal. Fotografia, de 26/12/2015, de um muro situado à Rua Dom Aquino.

Os ditos no muro, *Minha terra tem figueira, chimbuva, ipê, buriti, bocaiuva, carandá...*, é uma paródia dos versos de Gonçalves Dias (1847), na poesia *Canção do Exílio*, “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o Sabiá [...] Minha terra tem primores [...]”.

Podemos observar o funcionamento discursivo na escrita no muro, pois o morador produz uma ironia, ao parodiar um poema que canta romanticamente as belezas do país. As condições de produção do poema de Gonçalves Dias são aqui importantes, pois o poeta o escreveu em uma época que marcou o nacionalismo brasileiro, além disso, por estar cursando Direito em Coimbra, Portugal, sentiu-se exilado física e geograficamente das belezas do país, assim, as saudades da terra natal, o sentimento nacional e o rechaço a Portugal fizeram com que as belezas do Brasil fossem maiores ainda. Do mesmo modo, o nacionalismo que se instalava em uma nação recém liberta dos domínios do colonizador fez com que um sentimento de rechaço e de negação a Portugal se colocasse fortemente entre os brasileiros. Assim, entre um lá (o Brasil) e um aqui/cá (Portugal), o poeta produziu comparações que demonstram aversão aos valores portugueses e ressaltam as belezas naturais do Brasil, o que não o colocou indiferente à situação de aversão aos europeus, como ilustram as primeiras duas estrofes do poema:

Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam, /Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas, /Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida, /Nossa vida mais amores.

O poema, tornado um ícone da nacionalidade brasileira, do qual dois versos foram usados na composição do Hino Nacional², na fachada de um muro de uma rua de Cáceres-MT foi parafraseado por um morador, para dizer das riquezas/belezas que se encontram no aqui, em Cáceres, em Mato Grosso: *Minha terra tem figueira, chimbuva, ipê, buriti, bocaiuva, carandá...* Se as condições de produção da escrita de Gonçalves Dias materializam a rivalidade e aversão entre Brasil e Portugal, o dizer do morador parece ser uma resposta ao sul/sudeste brasileiro, que é a região mais desenvolvida do país, contudo, não possui mais florestas ricas e naturais como as de Mato Grosso. Assim, ao dizer das riquezas do lugar – *figueira, chimbuva, ipê, buriti, bocaiuva, carandá* –, ou seja, das árvores que predominantemente encontram-se no Estado de Mato Grosso, o morador fala das riquezas/belezas do lugar, falando, portanto de identidade, mas fala também de uma relação de litígio com os estados mais desenvolvidos do país, que ainda hoje acreditam que, em Mato Grosso, há cobras, índios, onças e jacarés nas cidades.

Esse efeito pode decorrer do próprio modo como os cacerenses, os mato-grossenses, através de órgãos responsáveis pela divulgação da região, mostram a cidade, o estado.

Diante desse lugar de memória, materializado nos ditos do morador em um muro da cidade, não há como ignorar os sentidos outros que instituem a paráfrase, por ele produzida, bem como uma relação de sonoridade com o poema de Gonçalves Dias. Assim, ao mesmo tempo em que esse dizer o identifica com um discurso nacionalista – compondo um uníssono de vozes do *nós nacional* – também há elementos no dizer que o desidentificam com uma parte do território nacional, instituindo modos particulares de se significar e de se (des)identificar com o território brasileiro.

² Trata-se da segunda parte do Hino Nacional, na estrofe dois, os dois últimos versos: “Nossos bosques têm mais vida”, “Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

O funcionamento da resistência ocorre, contudo, quando o sujeito se desprende, em certa medida, da voz universalizante do *nós nacional* e diz com sua própria voz, diz com sua história, diz com sua memória: *Minha terra tem figueira, chimbuva, ipê, buriti, bocaiuva, carandá...* E tem mais ainda, que não é dito, mas é assegurado pelo emprego das reticências.

Considerações finais

Observamos que a cidade de Cáceres-MT se institui em um lugar onde o presente se confunde com o passado e se institui (re)significando-a. A cidade se estabelece enquanto um lugar que faz ouvir muitas vozes ao lê-la, determina um modo específico de significar em território nacional, pelo que se desidentifica em relação às discursividades da identidade brasileira. Trata-se de um acontecimento que determina os modos de ser e estar na cidade. O discurso cidadão, apresenta, portando, um funcionamento que, pelos acontecimentos históricos, pelos processos identitários, marca, rompe e institui o novo, (des)identificando com o Brasil. Dessa maneira, silencia-se o passado e institui-se uma identidade na poeira do velho que se perde, que se desfaz, que determina modos específicos de significar o brasileiro nesse local, na cidade de Cáceres.

Referências

DOSSE, F. **A história**. Bauru: Edusc, 2003.

FEDATTO, Carolina Padilha. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

FREUD, S. (1917). "Luto e melancolia". In: **Obras Completas**. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 12.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.